

CORAÇÃO DE MARIA CAMINHO PARA VER A DEUS



P. 6 e 7

O piso inferior da Basílica da Santíssima Trindade, em Fátima, tem uma maravilha à sua espera. Chama-se *Refúgio e Caminho*, uma exposição temporária, de portas abertas, para levar o nosso coração ao encontro do Coração de Maria.

BONDADE EM PESSOA

O homem do sorriso acolhedor e amigo, que a todos acolhia e animava.

P. 2

NOVOS LIVROS

Novos livros que batem à porta com formas e estilos diferentes.

P. 5

MISSÃO EM MATEUS

A missão como caminho de proximidade a percorrer ao jeito de Jesus.

P. 9

ORDENAÇÃO DIACONAL



Kevin Pizarras foi ordenado diácono no dia 26 de abril de 2026.

P. 4

PENSAMENTO

S. JOSÉ FREINADMETZ

Todos estamos unidos no Coração de Jesus e no Santíssimo Sacramento.

FALECIMENTO



Carlos Alberto Aires de Matos faleceu no dia 01 de maio de 2026.

P. 5

DESAFIOS NOVOS E COMPLEXOS



JACEK BAGINSKI
Superior Provincial

Chegada a hora de transição da incumbência por esta coluna, dirigimos os nossos agradecimentos ao Provincial cessante, o P. José Maria Cardoso e aos seus conselheiros por todo o empenho na orientação dos destinos da Província Portuguesa SVD nos últimos sete anos. Bem-hajam!

Na recente Assembleia Geral da Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal os participantes puderam refletir, no espaço dedicado à formação, sobre a “secularização da religião” na pós-modernidade. O que me ficou na retina foi a constatação que a religiosidade tradicional, de índole comunitária, alterou o seu paradigma para se tornar um projeto marcadamente pessoal. Foi-nos proposta a ideia de que a fé atual ganhou o atributo de liquidez, fluindo entre indivíduos sem contornos claros e balizas certas. Esta realidade fugaz e maleável apresenta à evangelização desafios novos e complexos, exigindo uma resposta adequada e cuidada. Os destinatários contemporâneos da evangelização não se satisfazem simplesmente com o “mero” anúncio, por mais qualificado que seja – pedem também “sinais”, em forma de testemunho, que comprovem a congruência da nossa vida com a mensagem proclamada. Neste sentido, a vida fraterna em comunidade fortalece exponencialmente a credibilidade da mensagem.

Na convergência destas observações com as recomendações recentes da nossa Congregação, destaco algumas ideias que poderão ajudar a nortear a nossa Missão nos próximos três anos: **Verdade** (“Deus, Verdade Eterna”), **Fidelidade** (“Deus, nossa Força e Salvação”), **Relação** (“Faz que n’Ele sejamos todos um”) e **Discernimento** (“Infunde em nós o Espírito do Filho”).

Alguém afirmou que “não há espaço, na nossa vida, para a incoerência. Nós somos como um livro aberto – as pessoas leem-nos muito mais facilmente e decifram-nos muito melhor do que imaginamos”. •

PIONEIROS



JOSÉ LEITÃO

P. LÚCIO, A BONDADDE EM PESSOA



Nasceu no Brasil, no dia 17.01.1923. Filho de um caixeiro-viajante, entrou no seminário menor do Verbo Divino, a 13.05.1936. Já naquela altura se destacava pela boa educação e arte em acolher bem. Fez o noviciado e os estudos

teológicos em São Paulo, onde foi ordenado sacerdote no dia 28.02.1948. Foi enviado para Portugal, onde D. Sigaud e depois o P. Caio tinham acabado de fundar um seminário no Tortosendo. Após uma viagem de dez dias, num navio argentino, chegou a Lisboa no dia 18.09.1949. Dormiu uma noite em Lisboa e no dia seguinte seguiu de comboio para Tortosendo. Tudo era muito precário, mas junto com o P. Caio e depois com o P. Leopoldo, começaram com o primeiro grupo de seminaristas dos quais, anos mais tarde, se ordenaram os primeiros sacerdotes portugueses da SVD: P. José Vaz e P. Jerónimo. Nos primeiros anos, andou por Guimarães e por Fátima, mas depois assentou arraiais em Tortosendo, onde ficou 41 anos. Em 2002, a saúde começou a fraquejar e quis voltar para o Brasil, para junto da sua família. Veio a falecer no dia 20.06.2012, em Juiz de Fora.

O que significou o P. Lúcio para a nossa Província? Para os alunos, o P. Lúcio era a sombra materna que lhes faltava e que fazia do internato um lugar acolhedor e terno. Durante o dia, os alunos

andavam entretidos com as aulas, o desporto e os estudos; à noite, depois do jantar, fazia-se uma fila para ir à farmácia para ser visto pelo P. Lúcio. Ele recebia-nos com um “então menino o que tem?” Nós apontávamos para cabeça, a garganta ou a barriga e ele logo nos perguntava: “Já obrou?” Ao princípio não fazíamos ideia do que seria isso, mas depois fomos aprendendo e logo respondíamos se sim ou não. Tinha sempre um Xarope docinho ou um *Melhoral* infantil para curar as saudades.

Para as terras da nossa região, visitadas regularmente pelo P. Lúcio, ele era o rosto do Seminário do Verbo Divino do Tortosendo e da missão. Os professores e os párocos já o conheciam e abriam-lhe as portas com naturalidade. Foi ele que um dia veio à minha escola primária, nos apresentou uns slides sobre os missionários e no final perguntou: “quem quer ir para o Seminário?”. Eu e vários da minha turma levantámos o dedo e o resto eram conversas com os nossos pais. A maioria dos seminaristas vieram pela mão e sorriso afável do P. Lúcio.

Para os pais dos alunos, o P. Lúcio era uma pessoa que chegava de surpresa e entrava em casa com naturalidade, pois conhecia a família e se sabia em casa.

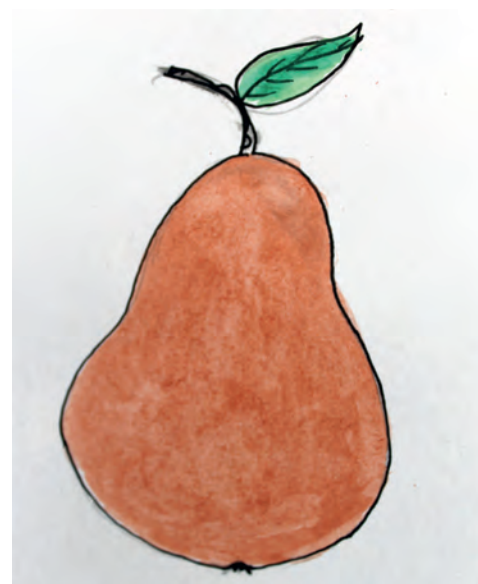
Para os que visitavam o seminário, era o sorriso acolhedor e amigo, que a todos acolhia e animava e rapidamente fazia os visitantes sentirem-se em casa. Não era um grande pregador, mas havia um charme que a todos encantava com a sua simplicidade e afabilidade. •

O REGADOR DA PAZ

JOSÉ M. TEIXEIRA

A PERA DE DEUS

Era uma vez uma pera parda amiga de Deus. É parda (acastanhada), mas além disso, deliciosa. É de Deus porque foi Ele que a criou com amor. Ele olhou para as flores tão belas da pereira e disse: - Nasce pera, nasce pera, nasce pera! E ela nasceu. E não foi só uma; nasceram muitas em árvores como aquela perto da casa de Jesus, em pomares, parques, quintas, junto de praias, de lagos e de um rio. O rio tem uma ponte antiga para quem precisar sair de casa também poder regressar sem perder muito tempo. Uma ponte também é Deus porque une, aproxima, liga o que nasceu separado, encurta distâncias. Deus gosta de pontes e de peras pardas saborosas, mas não quer as guerras porque trazem infelicidade: magoam, fazem sofrer, violentam as nossas vidas, e nós, tristes, assustados e em sangue, morremos, frequentemente, sem experimentar um único dia de verdadeira paz, liberdade, alegria e até esperança. Morrer por causa das guerras dói muito e é inaceitável. Jesus também se manifestou contra todas as guerras; elas não param porque os homens não ouvem Deus. Jesus morreu na cruz a querer ver-nos todos bem. •



Alunos do Jardim de Infância de Marco Cabaço
José Manuel Leite Teixeira
Agrupamento de Escolas Daniel Sampaio (Almada)

INTENÇÕES DO PAPA

JUNHO

Rezemos para que o desporto seja um instrumento de paz, encontro e diálogo entre culturas e nações, promovendo valores como o respeito, a solidariedade e a superação pessoal.

JULHO

Rezemos pelo respeito e pela proteção da vida humana em todas as suas etapas, reconhecendo-a como um dom de Deus.

MISSÃO POR CÁ

NISA

VIA-SACRA AO VIVO



O silêncio da noite daquele 3 de abril e o som do rufar dos tambores acompanhavam os passos do Cristo condenado a levar a Cruz às costas. A brisa soprava ao de leve nas colchas penduradas nas varandas e fazia reluzir a chama viva das velas colocadas nas janelas. Tanto dentro como fora, o silêncio comunicava algo mais do que apenas figurantes de uma estória conhecida. A multidão, algumas centenas de pessoas, queria “ver Jesus”. Em cada estação, vivia-se e meditava-se o acontecimento trágico/salvífico da Paixão de Jesus que faz parte da nossa história. O silêncio. A Palavra. O som deixava já transparecer, pelas frinchas do túmulo fechado, a luz gloriosa da ressurreição. António Lopes

TERRAÇOS DA PONTE

INTERCÂMBIO DO GRUPO CORAL

No dia 12 de abril viveram-se momentos marcantes de comunhão e fraternidade no primeiro encontro oficial entre o grupo coral “A Voz da Esperança Terraços da Ponte” (Sacavém) e o Fórum de Católicos Guineenses em Portugal.

O evento iniciou-se com a celebração da Santa Missa, seguido de partilha e intercâmbio de conhecimentos e informações, focado no fortalecimento da rede e missão. Terminou com um almoço partilhado, onde não faltou música e animação para celebrar a festa dos aniversariantes de janeiro a março. Foi um dia de profunda alegria, que reforçou os laços entre a nossa comunidade na diáspora. Ilma Moniz



NISA

ARREGAÇAMOS AS MANGAS

A tempestade Kristin danificou telhados, janelas e campanários, mas juntos, com serenidade e vontade (Câmara Municipal, Junta de União de Freguesias de Nisa e todos nós), levantámos o que estava caído, conservando a sua originalidade e beleza. Arregaçámos as mangas e dispusemo-nos a fazer coisas novas: colocar os azulejos dos Passos, o Baloço na Sr.^a da Graça, a Via Sacra ao Vivo. Estamos todos de parabéns pela união e pela forma de trabalharmos juntos. É nessa partilha de esforços que encontramos forças, motivação e alegria. Quando caminhamos juntos, tudo se torna possível e Nisa viverá mais alegre e mais feliz. António Lopes

LISBOA

DIREITO E JUSTIÇA



Na última sessão de *Encontros com o Verbo 25/26*, tivemos o advogado Dr. Pedro Marçalo que nos veio falar de Direito e Justiça. O encontro foi muito animado e com muita participação da assistência. José Maria Cardoso

PRIOR VELHO

SOPAS DA PARÓQUIA

No dia 25 de abril levámos a cabo, mais uma edição das “Sopas da Paróquia do Prior Velho”. O tema deste ano foi “São Francisco de Assis, Ano Jubilar Franciscano”. Tivemos a honra de receber Frei Gilberto, padre franciscano da Ordem dos Frades Menores Conventuais que celebrou a Eucaristia para uma assembleia de crianças da catequese, alguns pais e paroquianos. Após um breve intervalo Frei Gilberto explicou às crianças quem foi São Francisco de Assis e o porquê de este ano o Papa Leão XIV ter proclamado Ano Jubilar Franciscano. Enquanto decorria esta sessão, pais e catequistas esmeravam-se na confeção de várias sopas, uma por cada grupo de catequese. Finda a confeção passou-se à degustação das várias sopas, havendo também a possibilidade de complementar a refeição com menus de almoço. Foi um momento de grande convívio e confraternização paroquial. A sopa vencedora, não desfazendo das outras, que também estavam uma delícia, foi a sopa *creme de legumes*. Os catequistas agradecem a presença dos pais, paroquianos, padre Feliciano Sila, padre Tomás Lasi e do Frei Gilberto. Glória Lopes



MISSÃO POR CÁ

ORDENAÇÃO DIACONAL DO KEVIN PIZARRAS



Foto: Diário do Minho

O Kevin Pizarra foi ordenado diácono por D. José Cordeiro no dia 26 de abril 2026, na Sé de Braga. Eram cinco os candidatos: Quatro da arquidiocese de Braga e o Kevin Pizarra, missionário do Verbo Divino.

Terá sido a primeira vez que a Sé de Braga acolheu tanta gente de origem filipina. Os pais do Kevin chegaram das Filipinas para a ordenação do filho. Muitos outros amigos portugueses e filipinos chegaram de vários pontos do país. Depois da ordenação, houve um jantar/convívio no Seminário do Verbo Divino, em Guimarães.

O Kevin partilhou connosco o seu testemunho:

«Combinei com o tempo para esperar. Para ter mais tempo para te olhar. Se mais tempo tenho, mais eu me entretenho. A olhar para ti.» A minha banda preferida, *Os Quatro e Meia*, captura poeticamente a minha prece ao Tempo naquele momento que vivi no dia da minha ordenação diaconal. Queria que o Tempo parasse e olhasse para mim e eu para ele. Queria saborear, mastigar e digerir a graça que recebi do Senhor através das mãos de D. José Cordeiro, que nos desafiou para «ser porteiros (facilitadores e promotores da relação de Cristo com as suas ovelhas) exercendo o ministério diaconal com zelo e dedicação...»

E sim, éramos quatro e meio – eram quatro diocesanos e era eu, o «meio» não só pelo meu tamanho físico ou por eu ter ficado no meio durante o rito, mas por ser único e um pouco mais diferente dos outros. Era religioso, missionário, estrangeiro, oriental entre as outras características que levava comigo para chegar à Sé de Braga. A presença de um missionário do Verbo Divino foi um belo testemunho da universalidade, catolicidade e multiculturalidade da Igreja.

«Eu estou no meio de vós como Aquele que serve» (Lc 22,27). Não foi por acaso que os meus colegas escolheram este lema para a nossa ordenação diaconal. A minha própria caminhada vocacional



sempre foi marcada pelo serviço para com os outros. Este novo capítulo é mais uma afirmação e confirmação daquilo que fui percorrendo pelas várias comunidades e pelos vários ministérios que fui exercendo ao longo dos anos. Reitero as palavras de D. José: «o diaconado não é uma promoção. É no fundo uma configuração com Cristo que veio para servir e não para ser servido». É um olhar constante para o Verbo Divino encarnado, cantando e talvez rezando com os *Quatro e Meia*: «És luz do sol, luz do sol. Sua explosão de graça, golo ganho na raça. Meu farol».

ALMODÔVAR

CAMINHAR COM JESUS... QUERES?

Nos dias 17, 18 e 19 de abril, ocorreu em Almodôvar, a 15ª Caminhada Vocacional. Sob o tema *Caminhar com Jesus... Queres?* (Lc 24, 13-35) o encontro reuniu cerca de sessenta participantes, entre jovens e animadores vocacionais, provenientes de diversas comunidades e paróquias de Portugal onde os missionários do Verbo Divino e as Irmãs SSpS desenvolvem a sua missão.



O primeiro dia foi marcado pela chegada dos participantes, acolhimento e apresentação, culminando com a distribuição dos jovens pelas famílias da paróquia que generosamente abriram as portas das suas casas. O segundo dia constituiu o ponto alto da caminhada. Ao longo do percurso, os participantes viveram momentos de reflexão, escutaram testemunhos vocacionais, visitaram nichos locais, num ambiente que favoreceu o silêncio interior e o diálogo com Deus. Durante a tarde, os participantes regressaram às famílias de acolhimento. O dia terminou com uma vigília vocacional na igreja matriz. No último dia, a celebração da Eucaristia com a comunidade paroquial foi o momento central.

A hospitalidade das famílias e o ambiente comunitário vivido ao longo destes dias lembram que o discernimento vocacional não acontece de forma isolada, mas no seio de uma comunidade que acolhe, acompanha e encoraja. João Vianey



TORTOSENDO

QUANDO DEUS SONHA EM MIM

No dia 14 de março, decorreu um encontro de jovens no Seminário do Verbo Divino, sob o tema “Quando Deus sonha em mim”. O encontro contou com a presença do Grupo de Jovens do Tortosendo, das Irmãs Concepcionistas ao Serviço dos Pobres (Irmãs Jesuína, Mira e Itzel) e do P. Devendra. Todas as atividades, incluindo um momento de oração e de canto, preparadas e dinamizadas pelas três Irmãs, deixaram em todos os presentes uma questão: Será que Deus continua a trabalhar em mim e a moldar o meu caminho? Quando achamos que somos apenas um mero pedaço de barro irreparável, Deus mostra-nos que há algo mais. Tal como o barro é moldado nas mãos do oleiro, assim também nós somos moldados nas mãos de Deus. Ele não só trabalha em nós, como sonha em nós.

Durante a tarde, juntaram-se a nós os jovens do 8.º, 9.º e 10.º anos da Catequese, e realizaram-se várias dinâmicas e atividades. Em simultâneo, os pais dos jovens participaram num momento de reflexão sobre as dinâmicas de cada família na sua relação com Deus. O dia terminou com a participação de todos na Eucaristia, na Igreja Matriz. Será que Deus sonha comigo? Talvez um dia sejamos capazes de responder a esta questão. Capazes de perceber que não somos um erro e que, mesmo quando nos sentimos perdidos ou não acreditamos em nós próprios, sabemos que Deus acredita em nós e vê beleza em cada parte do nosso ser. Pensar em desistir não deve cruzar o nosso pensamento, porque, para Deus, somos únicos e o Seu sonho tem o nosso nome.

Carolina Pombo e Lara Reis
Grupo de Jovens de Tortosendo

MISSÃO POR CÁ

SÃO LOURENÇO DE SELHO

LIVRO EM APRESENTAÇÃO

Realizou-se a 2 de maio, no Salão Paroquial de S. Lourenço de Selho, a apresentação do livro *Curar as Feridas*, do P. Damianus Lelo.

Abrilhantada por momentos musicais, pela participação de crianças do Centro Social e pela declamação de poemas, a sessão iniciou com as boas-vindas do P. Valentim Gonçalves.

O livro foi apresentado pelo P. José Antunes que, a partir de uma leitura pessoal, conduziu os presentes ao encontro do pensamento do autor. Alguns poemas dão-nos uma visão pessimista da condição humana, absurda e asfixiante, mas depois abrem-se à esperança, orientando o leitor para o desejo de algo bom e belo. A obra conclui com um apelo ao compromisso, à oração e à coragem de atender ao sofrimento do outro. Davide Duarte



LISBOA

LIVRO DO PADRE DAVID SAMPAIO

Decorreu no dia 29 de abril, no Seminário de Lisboa, a apresentação do livro com a compilação dos artigos escritos pelo P. David. A obra tem por título: *CRISTIANISMO: UMA HISTÓRIA DE REFORMAS*, e é o primeiro volume de uma série com o título "Estudos de História do Cristianismo". Foi apresentada pelo Professor António Camões Gouveia.

Foram muitos os que estiveram presentes na apresentação. Saliento a presença do Sr. Cardeal D. Manuel Clemente e do Sr. Bispo D. António Montes assim como do Sr. Vice-Reitor da Universidade Católica, Prof. Peter Hanenberg.

Agradecemos ao P. César e à Dra. Cátia Tuna, ao Professor Paulo Fontes pela aceitação do projeto, ao Professor Camões Gouveia pela organização temática e pela apresentação e a todos os que colaboraram para esta obra. José Maria Cardoso



FALECEU O PADRE CARLOS ALBERTO AIRES DE MATOS



Nasceu em Mondim de Basto, a 15 de janeiro de 1944. Entrou no Seminário do Verbo Divino, em Guimarães. Mais tarde, fez o Noviciado em Fátima. Emitiu os primeiros votos a 23 de setembro de 1966. Depois da sua formação em filosofia e teologia em Lisboa, emitiu os Votos Perpétuos em 1972, em Fátima. Foi ordenado sacerdote a 29 de abril de 1973.

Angola foi o seu primeiro destino missionário. Junto com o Pe. Manuel Meneses Ribeiro, ali chegou no dia 04 de fevereiro de 1974. E Angola viria a ser durante décadas o seu campo de trabalho missionário. A grande capacidade de escuta foi uma marca da sua presença em Angola e, mais tarde, em Portugal.

Regressou a Portugal já com a saúde debilitada. Desde a sua chegada, ficou na comunidade do Seminário do Verbo Divino, em Guimarães. No dia de Páscoa, 5 de abril, sentiu-se mal. Foi levado para o hospital de Guimarães. Na manhã

do dia seguinte foi transferido para o hospital de Braga, onde viria a falecer nas primeiras horas da manhã do dia 01 de maio de 2026. O funeral foi em Mondim de Basto, no sábado, 02 de maio. Antes de terminar a celebração da Eucaristia, foi lido o testemunho que aqui partilhamos com os nossos leitores. Para a família e para os amigos de Mondim, o padre Carlos era conhecido como o padre Ló.

PADRE LÓ

Lembro-me do padre Carlos na Escola Primária, lembro-me do padre Carlos pequenino fardado de mascote dos Bombeiros Voluntários de Mondim e a ideia que sempre guardei dele, mesmo depois daquelas exuberantes barbas missionárias que o caracterizavam, era que era o nosso menino, que trazia o Menino Jesus guardado dentro do peito. Foi ordenado em 1973 e no ano seguinte partiu para o continente africano que se viria a revelar como a paixão da sua vida. Entretanto regressou a Portugal onde fez animação nos mais variados locais. Aqui em Mondim conseguiu seduzir um grupo de cerca de sessenta jovens barbudos e guedelhudos, elas franzinas e de minissaia e eles de calças à boca-de-sino e preparou com eles o acompanhamento coral e instrumental para a Missa do Galo do ano de 1977. Foi lindo e emocionante. Tinha nascido um movimento jovem, o Grupo Cultural e Recreativo que viria a abalar e a inundar esta região, ao longo de trinta anos com teatro, com teatro musicado, com dança, com grupos e orquestras instrumentais, com recuperação de usos, costumes e tradições e, é claro,



Angola

com um grupo coral animador de eucaristias que ainda persiste passados tantos anos e que hoje fez questão de estar aqui para cantar para o nosso fundador. Depois da referida estadia regressou à sua África de eleição onde se perdeu nas florestas e nas savanas, onde se atolou na lama das inundações, onde sufocou com as escaldantes areias dos desertos, onde passou sede, passou fome e privações, onde dormiu abraçado àquele chão avermelhado, onde foi perseguido, espancado e torturado, onde teve a tabanca sitiada tantas e tantas vezes e onde ouviu, durante a noite, rugir os leões à porta da sua tabanca. E ele afirmava com toda a sinceridade do mundo: foram os melhores anos da minha vida. Em África ainda choram pelo seu nome e aqui na sua terra natal hoje choramos, dolorosamente, pelo "nosso menino" que trazia o Menino Jesus guardado dentro do peito. Obrigado, padre Carlos, obrigado padre Ló.

Luís Jales de Oliveira

CORAÇÃO DE MARIA, CAMINHO PA



ÂNGELA COELHO, ASM
LILIANA REIS, ASM

TEXTO IRMÃS ÂNGELA COELHO E LILIANA REIS, ASM
FOTOS ARQUIVO DO SANTUÁRIO DE FÁTIMA

“Refúgio e Caminho” é o título de uma exposição que procura levar o nosso coração ao encontro do Coração de Maria. Pode ser visitada no piso inferior da Basílica da Santíssima Trindade, em Fátima. A importância do tema levou-nos até lá e pedimos às Irmãs Ângela Coelho e Liliana Reis que nos ajudassem a entrar no assunto.

Aprender a ver

A visão surge sempre como ato segundo, como consequência de uma luz que se acende e nos permite reconhecer a presença do mundo que se encontra diante de nós. Sem essa luz não seria possível ver de modo nítido e distinto, impedindo-nos de conhecer a realidade com verdade e clareza. A presença da luz no processo de visão pode ser compreendida como uma metáfora da graça de Deus, que, ao tocar o nosso coração, nos permite ver verdadeiramente a nós mesmos, o mundo e Deus. Sem a presença dessa graça, a nossa visão seria diminuída e obscurecida.

Ainda que a luz se revele como um elemento essencial, o ato de ver envolve todo um processo interior que culmina na formação da imagem no sujeito. Assim, a imagem exterior torna-se visível para nós porque ela mesma se formou dentro de nós. Talvez esse seja o verdadeiro significado da visão de Deus: podemos ver a Deus nesta vida porque Ele está em nós, sendo essa visão fruto de uma graça imerecida que aparece na nossa vida como luz que se acende e permeia todas as coisas.

Contudo, existem casos, em que o problema de visão não se encontra na luz dada, mas sim no sujeito humano que a recebe, como no caso da miopia ou de outro problema na visão. Nestes casos há algo no sujeito que impede de ver. Assim, pode ser compreendida a realidade do pecado: não obstante a luz da graça que me foi dada, há um mecanismo imperfeito que impede o sujeito de apreender a realidade, provocando uma visão turva e nebulosa, convencendo-o, por vezes, de uma imagem do mundo, de si mesmo e de Deus que não se configura totalmente com a sua mesma verdade.

Maria e outros modos de ver

Maria foi a criatura que nesta terra viu a Deus com maior clarividência. Sendo pura de coração, *via* Deus (cf. Mt 5,8) sem desfocagem ou opacidade, uma vez que era a Imaculada Conceição. A graça que de Deus recebeu, era luz que lhe permitia *ver* a Deus e que possibilitou que Cristo se gerasse no seu coração, ainda antes de ser gerado no seu seio (cf. Santo Agostinho, *Sermão* 215,4). Porque foi a criatura que melhor viu a Deus nesta terra, ela mesma é mestra e mistagoga, que nos abre o caminho para a visão de Deus.

No Evangelho de João, podemos encontrar diversos modos de nomear o processo de visão, os quais se encontram retratados, de forma especial, nos relatos da ressurreição. Quando Maria Madalena vai ao sepulcro de manhã e vê a pedra retirada, o verbo grego usado, *blépo*, indica uma per-



ceção física (cf. *Temis teologici della Bibbia*, 1489), como que um dar-se conta de que o túmulo está aberto, motivo pelo qual ela corre para dar a notícia aos apóstolos. Quando retorna ao túmulo e vê os dois Anjos, assim como o jardineiro, o texto grego refere-se a um olhar diferente, a «um ver que dá que pensar» (A. Couto, *Quando Ele nos abre as Escrituras. Ano A*, 106), pelo uso do verbo *theôréô*. Já não se trata de constatar algo, mas deixar-se interpelar pelo mistério. Por fim, quando reconhece o Senhor Ressuscitado, o verbo usado na expressão «vi o Senhor» (Jo 20, 18) volta a distinguir-se dos anteriores, por meio do recurso ao verbo *horáo* que sugere um «olhar intuitivo e interior» (*Temis teologici della Bibbia*, 1489), que pode ser compreendido como o olhar da fé. Neste sentido, não deixa de ser significativa a sua conjugação no tempo verbal perfeito, que poderia ser traduzida como «vi e continuo a ver o Senhor» (A. Couto, *Quando*

RA VER A DEUS

Ele nos abre as Escrituras, 107). O olhar da fé abre-se no encontro com o Ressuscitado, permitindo a Madalena continuar a ver o Senhor, mesmo quando já não está diante da sua presença visível.

Fátima e o olhar da fé

Em Fátima vemos como Maria conduz os videntes a este olhar da fé, capaz de descobrir a presença de Deus. Também Jacinta, antes das aparições tende a ver a Deus com o olhar físico. Quando se preparava para deitar flores a Jesus na festa do Corpo de Deus, a pergunta de Jacinta foi imediata: «-E nós vêmo-Lo?» (Lúcia de Jesus, *Memórias da Irmã Lúcia*, 41, doravante MIL). Jacinta pensava que encontraria um Menino Jesus “de carne e osso” e por isso, fica à espera do momento em que Ele chegaria, para lhe deitar as flores.

Como não O viu da maneira esperada, acaba por não cumprir a missão que lhe estava confiada. De facto, o olhar de Jacinta precisava de crescer na fé. Ainda não compreendia que era possível ver a Deus por meio dos Seus sinais sacramentais. Num outro momento, é possível reconhecer em Jacinta um modo “pensante de ver”, tal como nos descreve Lúcia: «Depois, [Jacinta] olha com atenção para Nosso Senhor e pergunta: – Por que está Nosso Senhor assim pregado na cruz?» (MIL, 39). O olhar da pequena Jacinta tende a dar pequenos passos no caminho da vida espiritual: de um modo de ver que apenas reconhece o sensível, Jacinta passa a querer compreender o que esse objeto sensível significa, qual a história que lhe subjaz.

Contudo, foram as aparições do Anjo e de Nossa Senhora que permitiram a Jacinta abrir-se verdadeiramente ao olhar da fé. Na aparição do dia 13 de maio de 1917, Lúcia descreve que viram «uma Senhora, vestida toda de branco, mais brilhante que o Sol, espargindo luz, mais clara e intensa que um copo de cristal, cheio d’água cristalina, atravessado pelos raios do sol mais ardentes» (MIL, 173). Durante essa visão, Nossa Senhora comunica-lhes uma luz, a luz de Deus, permitindo aos pequenos pastores verem-se a eles mesmos em Deus. A Virgem Maria possibilita aos videntes a experiência de Deus, porque Ela mesma é envolvida nesse mistério divino. Por meio das mãos de Maria, os pastorinhos de Fátima não só vêm Deus, mas vêm-se n’Ele. É igualmente nessa luz que vêm a possibilidade da perdição eterna – isto é, o inferno –, a cidade em ruínas e a via-sacra da Igreja. O encontro com Maria oferece aos videntes a luz de Deus, que lhes permite não apenas verem a Deus, mas também verem-se a eles mesmos e todas as coisas nessa mesma luz.

Olhares que se transformam

Do encontro com Maria, marcado por uma profunda experiência de Deus, os videntes enriquecer-se-ão de um novo olhar. Se primeiramente, Jacinta era descrita como sendo centrada sobre ela mesma, de carácter melindroso e possessivo, depois das aparições Jacinta tornar-se-á numa menina generosa, que encontra alegria na partilha da sua merenda com os pobres ou na possibilidade de poder sofrer para converter pecadores. Se, antes das aparições, Jacinta não era capaz de reconhecer Jesus na Eucaristia, depois destas, já não precisa de mediações sensíveis para notar a Sua presença, pois sabe bem que Ele a habita, como ela própria dizia: «- Não sei como é! Sinto a Nosso Senhor dentro de mim. Compreendo o que me diz e não O vejo nem oiço; mas é tão bom estar com Ele» (MIL, 131).

Por meio dos encontros com Nossa Senhora, o olhar de Jacinta foi-se transformando, permitindo-lhe adquirir um novo olhar sobre si, sobre o mundo e sobre Deus. A partir de então, já não se surpreende por não ver Jesus na procissão de Corpo de Deus. Na realidade, ela sabe bem que Ele está dentro de si e, dessa presença, Jacinta começa a ver a realidade, adquirindo o mesmo olhar e os mesmos sentimentos d’Aquele que a habita. Todavia, podemos pensar que a experiência dos Pastorinhos pouco ou nada nos diz respeito, na medida que foram privilegiados com graças singulares, que não nos foram destinadas. Todavia, não será, também, o rosário um modo de, por meio de Maria, vermos a Deus e n’Ele contemplarmos todas as coisas? Não será a experiência mística da luz do dia 13 de maio uma metáfora daquilo que acontece em nós sempre que rezamos o terço?



Novo olhar com Maria

Afirmava João Paulo II que o rosário nada mais é senão contemplar com Maria o rosto de Cristo, os principais episódios da vida de Jesus e, ao mesmo tempo, incluir todos os factos que formam a vida do indivíduo, da família, da nação, da Igreja e da humanidade (cf. *Rosarium Virginis Mariae*, 2-3). Rezar o terço significa aproximarmo-nos do Coração de Maria, que vê a Deus e que por isso, nos faz ver a Deus e nos oferece um novo olhar sobre o mundo. Com ela aprendemos a amar, como afirmava o Papa Leão XIV na sua visita ao Santuário de Mamã Muxima, em Angola: «rezar o terço compromete-nos a amar cada pessoa com coração maternal». Porque o terço nos aproxima do Coração de Maria, podemos afirmar, como Madalena, «vi e continuo a ver o Senhor». •

A TEMPO E A DESTEMPO

VIVER EM TEMPOS DE INCERTEZA

A incerteza sacode-nos da nossa complacência e torna-nos mais atentos a novas informações.

Joseph Kable



BERNARDINO SILVA
bernardino.silva@gmail.com

A Humanidade está à deriva, num mundo cada vez mais caótico e confuso. O que é certo torna-se incerto, e o ritmo dos acontecimentos climáticos, geopolíticos, humanitários, entre tantos, é cada vez mais acelerado, sobretudo no último século, e ainda mais neste novo século. Temos de aceitar a incerteza, em vez de a ignorar. Portanto, a única certeza é que vivemos numa era de incerteza. No entanto, a incerteza não é necessariamente uma coisa má, pelo contrário ela cria oportu-

nidades para inovação e mudança. Mesmo assim, sabemos que uma das coisas que os seres humanos mais temem é a incerteza. A maioria de nós gosta de saber o que é certo e, quando tal não acontece, sentimos um enorme desconforto. Inclusive, quando somos forçados a enfrentar o desconhecido, a nossa reação é, muitas vezes, recuar para ideias e rotinas antigas, sem esquecer que os tempos que correm são de profunda insegurança e indefinição, o que provoca, em muitos de nós, uma dolorosa angústia e medo do que poderá vir a acontecer. Por isso, cada dia que passa pode trazer novas incertezas. Viver em tempos de incerteza requer uma nova forma de ver o mundo. E estar aberto à incerteza é fundamental para o bem-estar, nomeadamente o mental.

A vida é repleta de incertezas. Inclusive, as alterações climáticas estão a introduzir uma nova dimensão de

incerteza nas nossas vidas. Logo, desde as pequenas decisões do dia a dia até aos grandes eventos que moldam o nosso futuro, o desconhecido sempre faz parte da nossa jornada.

O primeiro passo para lidar com a incerteza é aceitá-la.

O primeiro passo para lidar com a incerteza é aceitá-la. Reconhecer que a vida está cheia de variáveis que estão além do nosso controle. Essa aceitação não significa resignação, mas sim uma compreensão profunda de que viver envolve riscos e desafios. Ao aceitar a incerteza, abrimo-nos a novas possibilidades e experiências.

Em tempos como estes, é natural questionarmos o que nos pode ajudar a encontrar equilíbrio. A atenção plena é uma prática que envolve

estar presente no momento atual. Ao focarmo-nos no aqui e agora, diminuímos a preocupação com o futuro. Experimentar dedicar alguns minutos no dia a dia para respirar profundamente e escutar os nossos pensamentos sem julgá-los, isso pode ajudar-nos a criar uma sensação de paz interior e a reduzir a ansiedade relacionada com o que nos preocupa.

Em tempos de incerteza, é natural querer buscar informações. No entanto, é importante fazer isso de forma equilibrada. Consumir notícias e informações que sejam relevantes e úteis.

É importante confiar no nosso instinto e nas nossas decisões. Às vezes, a incerteza leva-nos a duvidar de nós mesmos, mas cada um de nós tem a capacidade de fazer escolhas que refletem os nossos valores e desejos. Ouçam a vossa intuição e sigam o vosso coração. •

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA MATA CÁRITAS DE AVEIRO APOIA AS VÍTIMAS DO CRIME

ÁLVARO PACHECO IMC
Publicação Missão Press

A prevalência do crime de violência doméstica é um dos indicadores de preocupação que sobressai do Relatório Anual de Segurança Interna (RASI) de 2025, apresentado este ano. Apesar deste crime ter diminuído em Portugal pelo terceiro ano consecutivo, registaram-se 29.644 ocorrências. “Vinte e sete pessoas morreram, das quais 21 mulheres, 4 homens e 2 crianças. Tivemos muitos milhares de participações num crime de terror”, disse Luís Montenegro, primeiro-ministro português, a propósito destes dados.

A Cáritas Diocesana de Aveiro (CDA), organismo da Igreja Católica, lida com quem sofre este tipo de violência. Dispõe de uma Estrutura de Atendimento a Vítimas de Violência Doméstica, que inclui apoio psicológico a crianças e jovens, assim como um gabinete de apoio à vítima no Departamento de Investigação e Ação Penal de Aveiro. A CDA coordena também a Rede Especialista em Intervenção com Vítimas de Violência Doméstica do concelho de Aveiro. Em declarações à ‘Missão Press’, Dora Graça, diretora da CDA e coordenadora do Núcleo de

Atendimento às Vítimas de Violência Doméstica do distrito de Aveiro, revelou que no ano passado, “381 pessoas foram acompanhadas pela estrutura de atendimento”, entre as quais 104 crianças.

Outra das respostas da CDA é a Casa Abrigo para Homens Vítimas de Violência Doméstica, existente desde abril de 2020. A estrutura tem capacidade para 12 pessoas, que podem fazer-se acompanhar dos filhos. Segundo Dora, “até dezembro de 2025, passaram por aquela casa cerca de 100 pessoas”. A estrutura assegura “o que faz parte das necessidades básicas da pessoa”, incluindo “acompanhamento psicológico”. O “objetivo é que a pessoa se autonomize e reintegre”, indicou Dora. Quem chega àquele espaço envolve-se na “gestão da casa”, o que inclui a limpeza e a confeção das refeições. “Sentimos que estas atividades são importantes para determinadas pessoas que chegam sem ter qualquer competência em termos de organização da sua vida e da gestão da casa”, referiu a responsável.

Délcia Pereira é assistente social e Técnica de Apoio à Vítima do Núcleo de Atendimento às Vítimas de Violência Doméstica. Esta responsável indica que as pessoas atendidas nesta valência continuam a ser sobretudo mulheres, “maioritariamente portuguesas”, entre os 35 e os 55 anos e com filhos. A assistente social explica que, desde que a violência doméstica se tornou crime público, aumentou o número de vítimas que vai “à polícia pedir ajuda” e que “a grande maioria” chega à Cáritas “já com queixa apresentada”. Na sua atividade, a instituição apoia também os pedidos de apoio judiciário, ajudando as vítimas a aceder a um advogado e a compreender os seus direitos.



Quando as vítimas são imigrantes, o desamparo é ainda maior. “Se já é difícil para quem já tem uma retaguarda, para estas pessoas é ainda mais. E depois têm filhos em comum; mesmo que queiram regressar aos seus países, não é dada autorização por parte dos progenitores, e as pessoas têm de ficar aqui sozinhas”, lamentou Délcia, que integra uma equipa que trabalha para proteger e amparar quem enfrenta esta realidade. •



Equipa da Cáritas de Aveiro

MISSÃO E VOCAÇÃO

BÍBLIA

JOAQUIM D. LUÍS



OBJETIVO DA MISSÃO EM MATEUS



Foto: Lusa

O mandato missionário que encontramos em Mateus 28,16-20 é uma espécie de manifesto de todo o seu evangelho e uma síntese excepcional de elementos teológicos (os Onze, a montanha, a Galileia, a adoração, a dúvida, a autoproclamação de Jesus, o batismo em nome da Trindade, a observância da Palavra, o permanecer d’Ele até ao fim dos tempos). Para Mateus, os cristãos encontram a sua verdadeira identidade quando são envolvidos na missão, na comunicação a outros de um novo estilo de vida e de uma nova interpretação da realidade e de Deus, e no

compromisso pela libertação e salvação dos outros. Para ser discípulos de Jesus é necessário tornar-se pobre, humilde, manso, misericordioso, puro de coração e assumir a centralidade do mandamento do amor, que Ele quis chamar seu e novo: “Amai-vos uns aos outros, como eu vos ameí” (Jo 15,12). A adesão de fé a esta experiência de Deus como Pai anunciada pelo Filho causa uma profunda conversão, uma mudança de ótica na maneira de encarar a história. Se acredito que Deus é verdadeiramente Pai de todos, os outros são meus irmãos: todos os outros, ninguém excluído. Por conseguinte, não se pode celebrar a paternidade, sem antes restabelecer a fraternidade.

A comunidade tem no seu centro o limite, a indigência, a pequenez, a fragilidade e a vulnerabilidade, a insuficiência própria e a necessidade do outro.

Nessas novas relações entre pessoas, a compaixão, a misericórdia e o perdão tornam-se as regras de facto, o respiro natural da própria comunidade que continua recebendo e dando perdão “setenta vezes sete”, quer dizer sem limites. A própria comunidade cristã é anúncio de novas relações fundamentadas na misericórdia e no perdão.

A missão é essencialmente um tornar-se próximo – e um aprender a tornar-se próximo – aos outros, aos pobres, às vítimas da sociedade, aos caídos: fazer-se próximo, especialmente com quem sofre, e gerar uma sociedade sem excluídos, seguindo a prática de Jesus que come com publicanos e pecadores. •

É AÍ QUE ENCONTRO A PAZ

BEATRIZ MENDES



No meio de toda a confusão e barulho, agimos como átomos que se movem incessantemente, atarefados e sem tempo para parar e respirar. Vivemos guiados por uma lógica de consumo e substituímos qualidade por quantidade. Deixamo-nos envolver por todo este aparato e já não nos ouvimos mais, porque parar não é solução.

Ao entrar numa igreja sinto a azáfama do mundo lá fora ficar para trás. Sou apenas eu, Ele e o silêncio. E, por isso, faço-o regularmente, esteja eu onde estiver. Entro, sento-me e respiro fundo. Contemplo a sua imagem e sinto que não preciso de dizer nada, que poderia apenas ficar ali e sentir a sua presença. Para mim, a igreja não é um local onde vamos ocasionalmente para participar numa eucaristia. É a casa onde todos somos bem-vindos. Seja na nossa paróquia ou num país diferente, a tranquilidade que aí se vive é a mesma.

Que neste período de Páscoa nos relembremos destes prazeres simples, que nos dão tranquilidade e alento e que nos permitem reconectarmo-nos a nós próprios e a Ele. •

Contacto svd RECOMENDA

EMÍLIA MOURA



O CÉU CAIRÁ SOBRE NÓS

«Encaro o Mundo como um mistério por desvendar. Ao publicar estas crónicas tenho a ideia de escrever cartas de desafio contra o que a História oculta. E assim, pelos enganos que ela comporta, nada de mais ambicioso e nada de mais humilde do que esta labuta com o tempo que passa e a verdade que voa.» Lídia Jorge

O Céu Cairá sobre Nós... Este título inspira-se no primeiro verso de uma canção popular afegã que se alarga e globaliza. Ele corresponde ao espírito de ameaça do nosso tempo e, simultaneamente, à força da resistência que a lucidez da análise dos factos permite.

Um conjunto de crónicas que, pela sua importância e pertinência, não podem deixar de ser lidas. Lucidez e resistência, talvez sejam as duas palavras que emanam destas crónicas.

Tecem-se histórias! “Não faz o meu coração fronteira com o teu?”

Entramos... e tocamos num mundo limpo ao beijar o rosto de uma criança.

Questionamos, nos tempos que correm, onde se pode ir buscar esperança.

A meio da História, vemos que há loucos de Deus que se tornam inimigos da espécie humana.

É indesmentível que “todos os tempos se julgam viver sobre o abismo.”

Emerge uma certeza: “Só a verdade pode curar as nações.” Sakharov •

OPINIÃO

SER RAIZ



JORGE FERNANDES
jfernandes1875@gmail.com

Era um gigante, que não resistiu às ventanias do mês de janeiro. Há certamente uns 200 anos, que fazia parte da paisagem do antigo campo de futebol e atual parque de estacionamento. Eu sempre o conheci assim, há mais de 70 anos, imponente e grandioso: certamente uma das árvores, que marcaram e embelezaram a paisagem circundante. Gerações de seminaristas habituaram-se a gozar da sua sombra nos meses quentes do verão e a ouvir o vento sussurrar entre os seus ramos nos dias de inverno. A primavera cobria-o cada ano de uma densa folhagem e os passarinhos ali encontravam refúgio e abrigo.

Este carvalho gigantesco desapareceu definitivamente. O furacão do passado dia 28 de janeiro arrancou-o e, com ele, algumas das mais belas árvores do nosso parque. Quando me deram a notícia, fiquei por dois dias incapaz de ir verificar com os meus olhos o alcance de tal tragédia. Os leitores podem pensar que isto é um exagero: ninguém faz luto por uma árvore ar-

rancada por um furacão. No entanto, era como se uma parte de mim mesmo tivesse sido amputada. Queiramos ou não, somos parte da natureza, que nos viu nascer e crescer.

Ao ver aquele gigante vencido pelas forças do vento, dei-me conta da sua grandeza e, ao mesmo tempo, da fragilidade das suas raízes. É verdade que crescera encostado a uma parede e, ao cair, arrastou-a consigo. O que resta da sua majestade antiga é o grande raizeiro à espera de uma máquina para o carregar e transportar. E as raízes ali estiveram, incredivelmente frágeis para suportarem o peso de um tal gigante contra a violência das forças descontroladas da natureza. A quantos invernos, tempestades, chuvas e tufões aquele herói resistira. Mas a sua hora chegou e agora vai aquecer dois ou três dos nossos invernos. Triste fim para quem nos habituara a tanta admiração.

“Sê raiz para que, à tua volta, haja vida e vida em abundância.”

Vem isto a propósito de uma história que me foi contada há dias. Era uma mulher jovem, que quis partilhar comigo uma parte muito bela da sua história. Nascida numa família aristocrática, fora educada para vencer e competir na vida. Ensinaram-na a pisar o palco e a impor-se na luta pelo primeiro lugar.

Mas a partir de uma fase muito crítica e dolorosa da vida, o Senhor apontou-lhe outro caminho. E disse-lhe ao coração: “Não te importes com a grandeza do tronco, a beleza da folhagem ou a riqueza dos frutos. Preocupa-te em ser raiz... E nada te perturbe. É verdade que as pessoas admiram e ficam deslumbradas com aquilo que veem ou podem tocar. A árvore dá sombra, pode ser tocada, oferece frutos. É o exterior que se valoriza e aprecia. Mas ninguém se preocupa com a raiz. Está escondida, mergulhada na noite e no escuro da terra. É dali que tudo nasce, embora ninguém o veja ou valorize. A folhagem, a sombra e os frutos são possíveis graças a uma raiz sã e sólida, capaz de aguentar estios e tempestades. Olha para dentro de ti... Não te preocupes receber aplausos e agradecimentos. Sê raiz para que, à tua volta, haja vida e vida em abundância...”

Seremos capazes de entender e pôr em prática a lição que o velho carvalho nos deixou?! Hoje o que conta é a aparência, a ramagem exterior, a folhagem que a cada outono desaparece. E se tentássemos ver mais longe? Ver em profundidade? Trata-se de ser raiz para que a árvore dê bons e saborosos frutos. Vejo tantas vidas vazias, tantos projetos inúteis, tantas aparências e sofrimentos indescritíveis... E, no entanto, a solução está aí, ao alcance da mão, basta decidirmo-nos a ser aquilo para que Deus nos colocou neste belo jardim por Ele criado. •

QUE É FEITO DE TI

ALCINO CASTRO FARIA
(alcino.faria@sc.didaxis.pt)



Depois de oito anos de formação concluídos, em Tortosendo, em 1970, deixei o Seminário. A idade era para saber o que se quer, mas desejava, livre e autonomamente, conhecer melhor o mundo, a começar por mim.

Entretanto, estudei Filosofia e fiz trabalhos no gabinete de engenharia civil do meu irmão mais velho, mas sentia-me, por vezes, à “*Varições*”, bem onde não estava. Depois de três anos e meio de tropa, na metrópole e na Guiné, concluí a licenciatura em História na Faculdade de Letras no Porto.

Já com habilitação própria, e com a democratização do ensino, surgiu a oportunidade de lecionar no antigo Externato Delfim Ferreira, na Didaxis Riba D’Ave e, desde 1987, em Vale São Cosme, escolas de serviço público com Contrato de Associação. Gostei e fiquei. Desde 1991-92, fiz parte da direção pedagógica e, nos quatro anos prévios à reforma, em 2016, assumi a presidência.

Os laços com a SVD ainda se mantêm. Muitas vezes os missionários do Verbo Divino trabalharam com os nossos alunos a rubrica “Semana Missionária”. Amiúde, dou o meu contributo para os projetos missionários e mantenho contactos com antigos alunos da SVD.

Vivo em Vila Nova de Famalicão, casado desde os 34 anos, e tenho três filhos e dois netinhos queridos. Os oito, nove anos de saúde a que supostamente temos direito, após a reforma, já passaram, mas continuo a encarar a vida com alegria e curiosidade, lamentando que o mundo, tão diverso e belo, continue assustadoramente imprevisível.

Termino: certa vez, um jovem aluno, retrato de uma família com valores, chamado a atenção, respondeu-me, com toda a naturalidade do mundo, desculpando-se: “Ó professor, eu tenho de fazer todos os dias uma asneira pequenina, caso contrário, acabo por fazer uma grande”. Lembro-me disso, com um disfarçado sorriso, porque, enquanto o tempo não me passa a perna, vou, além do mais, fazendo pequeninas tarefas, mas a minha mulher logo descobre que, em parte, também são pequenas asneiras. Assim vou...•

António Pinto (responsável por esta coluna)

A RELIGIÃO E O DELÍRIO DE OMNIPOTÊNCIA



DOMINGOS SOUSA
d.sousa1@hotmail.com

Mais uma guerra! Iniciada por um desvairado tirano que recentemente fanfarrava ter terminado sete ou oito conflitos e agora ameaça obliterar a civilização milenar do Irão. Um tal desvario só poderá ser atribuído a uma qualquer forma severa de insanidade. Recordemos a cerimónia da tomada de posse do tirano. Prometeu o início de uma nova idade de ouro. Aqui a temos: o caos. Ele, o agente do caos que, em tão pouco tempo, desmantelou a ordem internacional que o seu país arquitetou. O problema não resiste apenas no tirano, mas no séquito de despudorados bajuladores: figuras políticas, plutocratas das novas tecnologias e numerosas figuras religiosas das mais diversas denominações cristãs. O poder do tirano está alicerçado nesta tríade de poderes.

Para um cristão, o que é particularmente perturbador é a cumplicidade da religião neste estado de coisas. Nada retrata melhor tal cumplicidade da religião do que a cena deplorável

do grupo de pastores que periodicamente se reúne à volta do tirano para invocar a proteção divina sobre ele. No início de março realizou-se um novo encontro de oração. Apinhados à volta da mesa presidencial na Sala Oval, com as mãos sobre o tirano, um dos pastores orava: “que a sabedoria do céu inunde seu coração e sua mente. Pai, ... oramos para que continues a dar ao nosso Presidente a força que precisa para liderar a nossa grande nação. À medida que voltamos a ser uma nação, sob a proteção de Deus, indivisível, com liberdade e justiça para todos, pedimos a bênção celestial sobre ele. Em nome de Jesus.” Dificilmente se encontrará mais desafortada perversão da fé cristã do que o que esta desprezível cena representa. São estes líderes religiosos e milhares de pastores que, por todo o país, aliciam a massa amorfa de crentes a divinizar o erro e a falsidade que vitimam diariamente em todo o mundo milhares de seres humanos inocentes.

“Basta com a idolatria de si mesmo e do dinheiro!”

Em contraste com a decadência moral e religiosa que aqui se observa, reverbera ainda mais claramente a recente denúncia profética do Papa Leão XIV sobre o “delírio de onipotência”: “Basta com a idolatria de si

mesmo e do dinheiro! Basta com a guerra! A verdadeira força manifesta-se no serviço à vida”. Nestas palavras e em todo discurso que o Papa Leão proferiu na vigília de oração pela paz encontramos a mensagem evangélica no seu esplendor. Mas temos de reconhecer que a pretensa “omnipotência” ostentada pelo tirano é, em grande medida, fomentada pela própria religião.

Na sua obra, *A Ironia da história americana*, o renomado teólogo protestante americano Reinhold Niebuhr, põe a descoberto a influência da religião na política americana. Ele assevera que desde os primeiros colonos anglo-americanos que se estabeleceram no continente, os americanos veem-se a si mesmo como um povo chamado por Deus a criar uma nova humanidade, a ser um novo começo num mundo corrompido. A crença na eleição divina faz da América um novo Israel. Como povo eleito, as suas ações são irrepreensíveis e não podem ser julgadas por critérios que se aplicam a outros povos. Esta tendência a aliar a política às convicções da fé cristã leva a política a gerar idolatria. Aqui reside, segundo Niebuhr, a causa de a religião ser frequentemente mais fonte de confusão do que de luz no âmbito político. Poder-se-á, pois, dizer que é este repositório de ficções religiosas que fomenta, hoje, o delírio de onipotência do tirano e do seu séquito de sicofantas. •

OLHARES

CAMINHO DA LUZ



Na noite de 25 de Abril, enquanto o país celebrava os valores da liberdade, o Seminário do Verbo Divino em Guimarães abriu as suas portas para uma forma diferente, mas complementar, de libertação: a *Via Lucis*, organizada pelo Grupo Diálogos SVD. Num ambiente de serenidade e sob uma noite extraordinariamente agradável, mais de uma centena de pessoas reuniu-se para percorrer os caminhos da alegria e da Ressurreição. Se o 25 de Abril nos recorda a conquista da liberdade civil e social, o “Caminho da Luz” recorda-nos a liberdade definitiva conquistada por Cristo – a vitória sobre o medo, o desespero e a própria morte. Caminhar pelos vários espaços do Seminário foi, por isso, um gesto profético: cada passo dado entre os jardins e os espaços desta casa era um eco daquela madrugada pascal onde a pedra do túmulo foi removida.



A participação expressiva, com mais de 100 rostos iluminados pela luz das velas, transformou o espaço do Seminário num santuário vivo. Ao longo das estações, não recordamos apenas factos bíblicos; vivemos uma experiência de comunidade. O silêncio da noite, interrompido apenas pelo som da oração e do canto, permitiu que cada um de nós confrontasse as suas próprias “escuridões” com a luz do Ressuscitado.

Esta *Via Lucis* não se encerra nos limites físicos do Seminário. Ela prolonga-se agora na nossa missão quotidiana. Ser “Missionário do Verbo Divino” é, precisamente, levar esta luz a todos os contextos da sociedade. A noite foi coroada com um momento de convívio entre todos os participantes. Entre conversas, sorrisos e partilha fraterna, a oração não terminou: prolongou-se, naturalmente, nos gestos, nos abraços e nos olhares. Foi o momento de estreitar laços, de acolher quem vinha de fora e de celebrar a alegria de sermos família Verbita. Jorge Pereira

SINAIS DA PARTILHA



MÁQUINAS DE COSTURA QUE COSTURAM VIDAS



A Irmã Sandhya faz-nos chegar algumas informações sobre os passos que vão acontecendo com os milagres das máquinas de costura e dos tecidos transformados nas mãos de pessoas com mais experiência e de outras que vão aprendendo.

Trata-se de um projeto de índole social que transforma vidas, forma pessoas e cria bases para novas oportunidades.

São os milagres do coração dos nossos benfeitores a acontecer e de vidas costuradas com o acompanhamento da Irmã Sandhya na diocese de Bettiah, Índia.

António Augusto Leite



Renovação de votos
Assembleia provincial

28 junho, Lisboa
13-14 julho, Fátima

MISSAS PELOS BENFEITORES



Nos inícios de cada mês, será celebrada uma Santa Missa pela alma dos benfeitores falecidos e uma outra pelas intenções dos benfeitores vivos.

COLABORE COM A MISSÃO



Pode colaborar com a Missão, enviando pedidos de intenções de Missas e trintários gregorianos. Desta maneira, está a contribuir para a subsistência dos missionários. Bem-haja!

Secretariado Missionário do Verbo Divino | Rotunda dos Peregrinos, 101
2495-412 Fátima | ☎ 249 534 116 - 960 460 921
@ proc.missoes.fatima@verbodivino.pt

NOVAS ASSINATURAS

Porque queremos servir melhor a Missão...
Ajude-nos com o envio de **novas assinaturas**.

Nome: _____
Morada: _____
Código Postal: _____ - _____ ☎ _____
Data nascimento: ____ / ____ / _____ NIF: _____
@ _____ (Assinatura 5,00€)

Secretariado Missionário do Verbo Divino
Rotunda dos Peregrinos, 101 * 2495-412 FÁTIMA
960 460 921 * proc.missoes.fatima@verbodivino.pt
PT50 0010 0000 0251 9710 0017 8

Autorizo o tratamento dos dados indicados para o fim a que se destinam e para a divulgação de publicações da Congregação do Verbo Divino.

MISSÃO POR LÁ

CHARLIE BARDAJE, COORDENADOR DE MISSÃO POR LÁ

UGANDA

NOVA CASA DE MISSÃO

No dia 1 de março, a Missão da SVD no Uganda inaugurou oficialmente a sua nova Casa de Missão, localizada na Paróquia de Santo Arnaldo Janssen, em Ariwa, na diocese de Arua. Esta cerimónia marca um passo importante para os Missionários do Verbo Divino, reforçando o seu trabalho missionário através da pastoral paroquial e de serviços humanitários prestados aos sudaneses no campo de refugiados de Bidibidi.

A celebração de ação de graças e bênção foi presidida pelo Superior da Missão, Pe. Andrzej Dzida. No seu discurso, o Pe. Andrzej referiu que a bênção da casa missionária estava inicialmente prevista para dezembro de 2025, de modo a coincidir com o 150.º aniversário da SVD. No entanto, como a construção só foi concluída este ano, a celebração foi adiada. Expressou a sua gratidão a Deus e a alegria por finalmente a casa ter sido abençoada. Andrew Truong Quoc Hung



ARGENTINA

PASTORAL DIOCESANA EM CHAVE SINODAL

De 5 a 7 de março, a diocese de Jujuy realizou a 43ª Assembleia Diocesana de Pastoral. O encontro teve como lema: “Todos somos missão, todos somos Igreja”. A Assembleia decorreu num clima de escuta e discernimento comunitário, propondo um espaço para partilhar, fortalecer a vida pastoral e renovar o compromisso evangelizador da Igreja.

Durante a Assembleia foram abordados dois grandes eixos: a análise e as perspetivas do Documento Final do Sínodo e a animação da Pastoral Juvenil e Vocacional, temas que foram trabalhados em diferentes blocos ao longo da jornada. Liliana Valdez Barrios



INDONÉSIA

ENCONTRO COM PESSOAS QUE VIVEM COM VIH

No dia 28 de março, os seminaristas do Seminário SVD de Ledalero participaram no encontro mensal de pessoas que vivem com VIH/SIDA na cidade de Maumere. Cerca de 50 pessoas que vivem com VIH reuniram-se no pavilhão do Centro de Investigação Candraditya, em Maumere.

O evento começou com uma oração comunitária e uma breve apresentação de Yohanes Beda, coordenador do Grupo de Apoio. As apresentações foram estruturadas para reforçar a moral dos novos membros. O estigma e a discriminação contra as pessoas portadoras de VIH continuam a ser severos na ilha de Flores, onde o VIH é frequentemente visto como uma vergonha familiar ou até como uma maldição de Deus. Não é raro que pessoas cujo estado serológico se torna conhecido sejam afastadas por quem as rodeia.

De acordo com dados governamentais, em 2025 havia cerca de 500 pessoas a viver com VIH no distrito de Sikka. Servinus Haryanto Nahak



MOÇAMBIQUE

INAUGURAÇÃO DO CENTRO DE FORMAÇÃO PROPEDÊUTICA

A Região SVD de Moçambique anunciou oficialmente a abertura do Centro de Formação Propedêutica em Nampula.

Em conformidade com as recomendações dos protocolos decorrentes das mais recentes visitas dos Conselheiros Gerais, a etapa propedêutica foi separada da etapa de filosofia/postulantado, que continuará em Maputo.

Este ano, Deus abençoou a Região SVD Moçambique com 14 jovens que iniciam o seu primeiro ano da etapa propedêutica. Toda a comunidade é convidada a acompanhá-los na oração, pedindo ao Senhor a graça de um discernimento vocacional sólido e da perseverança no seu caminho formativo. Moacir José Rudnick

